

## FICHA TÉCNICA

Título original: *The Keeper of Lost Things*

Autora: *Ruth Hogan*

Copyright © Ruth Hogan 2017

Edição original publicada em 2017 no Reino Unido por Two Roads, uma chancela de John Murray Press, uma empresa do grupo Hachette UK

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Isabel Nunes*

Revisão: *Alda Rodrigues/Editorial Presença*

Ilustração da capa: *Diana Beltran Herrera*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, agosto, 2017

Depósito legal n.º 424 342/17

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa à  
**EDITORIAL PRESENÇA**  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena  
info@presenca.pt  
www.presenca.pt

*Mas aquele que não ousa sentir o espinho  
não deve almejar a rosa.*

Anne Brontë

## CAPÍTULO 1

Charles Bramwell Brockley viajava sozinho e sem bilhete no comboio das 14h42 de London Bridge para Brighton. A lata de bolachas *Huntley & Palmers* em que seguia permanecia em equilíbrio instável na beira do assento quando o comboio parou com um estremeção em Haywards Heath. No momento, porém, em que esta se precipitava para o chão da carruagem, foi apanhada por umas mãos cautelosas.

Ele estava contente por chegar a casa. Pádua era uma moradia vitoriana de boa construção, com um alpendre de telhado afilado, emoldurado por madressilvas e clematites. O vestíbulo, fresco e a cheirar a rosas, protegeu o homem do brilho intenso e implacável do sol daquela tarde. Pousou o saco, guardou as chaves na gaveta da mesinha do vestíbulo e pendurou o panamá no cabide dos chapéus. Estava exausto, mas o sossego da casa acalmou-o. Era sossegada mas não silenciosa. Ouvia-se o tiquetaque regular de um relógio de caixa, o zumbir distante de um velho frigorífico e, algures no jardim, o canto de um melro. A casa permanecia, porém, livre do tinido da tecnologia. Não havia computador, televisão nem leitor de DVDs ou de CDs. As únicas ligações ao mundo exterior eram um velho telefone de baquelite no vestíbulo e um rádio. Na cozinha deixou correr a água até ficar gelada e encheu um copo. Era demasiado cedo para gim com lima e estava demasiado calor para um chá. Laura já fora para casa, mas deixara uma nota e uma salada de presunto no frigorífico para a ceia dele. Era uma querida. Bebeu a água.

De volta ao vestíbulo, tirou uma chave do bolso das calças e destrancou uma grossa porta de carvalho. Apanhou o saco do chão e entrou na sala, fechando a porta silenciosamente. Prateleiras e gavetas, prateleiras e gavetas, prateleiras e gavetas. Três paredes estavam completamente obscurecidas e todas as prateleiras a abarrotar, todas as gavetas cheias de uma triste amálgama de coisas trazidas para casa, rotuladas, e a que fora dado um lar. Finos painéis de renda cobriam as portas-janelas e dispersavam a intrépida luz do sol vespertino. Um raio solitário que entrava pelo espaço entre eles penetrava as sombras, cintilando de grãos de pó. O homem tirou a lata de bolachas do saco e pousou-a com todo o cuidado numa grande mesa de mogno, a única superfície vaga da sala. Ergueu a tampa e inspecionou o conteúdo, uma substância cinzento-pálida com textura de areia grossa. Ele próprio espalhara algo semelhante havia muitos anos no roseiral das traseiras da casa. Mas aquele pó não podia ser cinzas humanas! Deixadas num comboio numa lata de bolachas? Tapou de novo a caixa. Tentara entregá-la na estação, mas o revisor, completamente convencido de que era lixo, sugerira-lhe que a deitasse no caixote mais próximo.

— Ficaria espantado com o lixo que as pessoas deixam nos comboios — declarara, mandando Anthony embora com um encolher de ombros.

Já nada o surpreendia, mas a perda comovia-o sempre, por maior ou menor que fosse. De uma gaveta tirou uma etiqueta de bagagem de papel castanho e uma caneta de tinta permanente com aparo de ouro. Escreveu com todo o cuidado em tinta preta, primeiro a data e a hora e depois o local, tudo muito pormenorizado.

*Lata de bolachas Huntley & Palmers contendo cinzas de cremação?  
Encontrada na sexta carruagem a contar da frente, comboio  
das 14h12 de London Bridge para Brighton. Falecido  
incógnito. Que Deus o abençoe e que descanse em paz.*

Passou a mão com ternura pela tampa da lata antes de localizar um espaço numa das prateleiras e de a enfiar suavemente no seu lugar.

O bater do relógio do vestíbulo disse-lhe que eram horas do seu gim com lima. Tirou do frigorífico cubos de gelo e sumo de lima e levou-os até ao jardim de inverno num tabuleiro de prata com um copo de cocktail verde e um pequeno prato de azeitonas. Não tinha fome, mas esperava que aquilo lhe abrisse o apetite. Não queria desapontar Laura não comendo a salada preparada com tanto cuidado. Pousou o tabuleiro e abriu a janela que dava para o jardim nas traseiras da casa.

O gramofone era uma bela peça de madeira com uma enorme corneta dourada. Ergueu a agulha e pousou-a suavemente no disco cor de alcaçuz. A voz de Al Bowly<sup>1</sup> flutuou pelo ar e espalhou-se pelo jardim, em competição com o melro.

*The Very Thought of You*

Era a canção deles. Estendeu as pernas compridas e fatigadas no conforto de um cadeirão de couro. Na força da idade, o volume do seu corpo correspondia à altura, e fora uma figura impressionante, mas a velhice diminuía-lhe as carnes e agora a pele estava muito mais próxima dos ossos. Com o copo numa mão, fez um brinde à mulher cuja fotografia segurava na outra.

— Tchim-tchim, minha querida!

Bebeu um gole e beijou o vidro frio da fotografia com amor e saudade antes de voltar a pousá-la na mesinha ao lado do cadeirão. Ela não era uma beleza clássica, era uma jovem de cabelos ondulados e grandes olhos escuros e brilhantes, mesmo numa velha fotografia a preto e branco. Era, porém, terrivelmente impressionante, com uma presença que, vinda do passado tão distante, ainda se fazia sentir e que o cativava. Morrera havia quarenta anos, mas continuava a ser a vida dele e a sua morte dera-lhe um propósito na vida. Fizera de Anthony Peardeu o Guardião das Coisas Perdidas.

---

<sup>1</sup> Cantor e compositor britânico que se tornou um famoso cantor de jazz, em especial nos Estados Unidos da América, nos anos 30 e 40. (NT)

## CAPÍTULO 2

Laura andava perdida, irremediavelmente à deriva. Mantinha-se à tona com uma combinação infeliz de *Prozac*, *Pinot Grigio* e a fantasia de que as coisas não estavam a acontecer. Coisas como o caso amoroso de Vince. Anthony Peardeu e a sua casa haviam sido a sua salvação.

Enquanto parava e estacionava junto à casa, calculou há quanto tempo trabalhava ali, cinco, não, quase seis anos. Estava sentada na sala de espera do médico, a folhear, ansiosa, as revistas, quando um anúncio na revista *Lady* lhe chamara a atenção:

*Procura-se governanta/assistente pessoal para escritor.  
Por favor, candidaturas por escrito para Anthony Peardeu,  
PO BOX 27312.*

Chegara ao consultório com a intenção de suplicar mais drogas que tornassem suportável a sua infeliz existência e saíra de lá determinada a candidatar-se a um lugar que viria, como se viu, a mudar-lhe a vida.

Ao girar a chave na fechadura e passar pela porta da frente, a paz daquela casa envolveu-a, como costumava suceder. Dirigiu-se à cozinha, encheu a chaleira e pousou-a na grelha do fogão. Anthony devia ter saído para o seu passeio matinal. No dia anterior nem sequer o vira, ele fora a Londres encontrar-se com o solicitador. Esperando que a chaleira fervesse, folheou a pilha bem ordenada de papelada que ele deixara para ela despachar: algumas contas para pagar, cartas para responder em nome dele e um pedido de consulta com o médico. Sentiu uma guinada de ansiedade. Tentara ignorar como ele esmorecera ao longo dos últimos meses, qual belo retrato deixado

demasiado tempo à luz inclemente do sol, a perder a nitidez e a cor. Quando ele a entrevistara, havia já tanto tempo, era um homem alto e bem constituído, com uma bela cabeleira escura, olhos azul-safira e uma voz como a de James Mason. Laura pensara que era muito mais novo, que não teria ainda sessenta e oito anos. Apaixonara-se por Mr. Peardew e pela casa meros momentos após ter atravessado a porta. O amor que sentia por ele não era do tipo romântico, parecia mais o amor de uma criança pelo tio favorito. A força suave, os modos tranquilos e a cortesia imaculada eram qualidades que aprendera, embora um pouco tarde, a apreciar num homem. A presença dele levantava-lhe sempre o moral e fazia-a valorizar a vida de uma forma que havia muito não acontecia. Era uma presença constante e consoladora, como a Radio 4, o Big Ben e a «Land of Hope and Glory<sup>2</sup>». Porém, sempre distante, muito ao de leve. Havia uma parte sua que ele nunca revelava, um segredo sempre guardado. Laura ficava contente. A intimidade, tanto física como emocional, fora sempre uma desilusão para ela. Mr. Peardew, o patrão perfeito, transformou-se em Anthony, um querido amigo. Mas nunca se aproximou demais.

Quanto a Pádua, fora o pano de tabuleiro que fizera com que Laura se apaixonasse pela casa. Anthony oferecera-lhe um chá durante a entrevista. Levava-o para o jardim de inverno: bule com abafador, jarrinho do leite, açucareiro com pinças, chávenas e pires, colherinhas de prata, coador e prato de bolos. Tudo disposto num tabuleiro coberto por um pano. Linho branco puro com bainha de renda. Aquele pano de tabuleiro era conclusivo. Pádua era claramente uma casa onde todas aquelas coisas, incluindo o paninho, faziam parte da vida quotidiana; e Mr. Peardew era um homem com uma vida quotidiana exatamente do tipo por que Laura ansiava. No início do casamento, Vince gozara com ela por causa das suas tentativas de introduzir aquele tipo de coisas na casa deles. Quando se via obrigado a fazer o seu próprio chá, o marido abandonava o saquinho usado no escorredor da louça, por mais que Laura lhe pedisse que o deitasse no caixote. Bebia leite e sumo de

---

<sup>2</sup> Canção patriótica britânica com música de Edward Elgar e letra de A. C. Benson. (NT)

frutas diretamente da embalagem, comia com os cotovelos apoiados na mesa, segurava na faca como se fosse uma caneta e falava com a boca cheia. Cada coisa, por si só, era insignificante, como as inúmeras outras coisas que fazia e dizia e que Laura tentava ignorar, mas que, contudo, lhe feriam a alma. Com o passar dos anos, a acumulação, tanto em número como em frequência, endureceu-lhe o coração e frustrou-lhe as aspirações moderadas de vir a ter nem que fossem uns modestos fragmentos da vida que em tempos apreciara nos lares das suas amigas da escola. Quando, ao correr do tempo, as brincadeiras de Vince azedaram, transformando-se em zombaria, um pano de tabuleiro tornou-se para ele um objeto merecedor apenas de escárnio. Tal como Laura.

A entrevista tivera lugar no dia do seu trigésimo quinto aniversário e fora surpreendentemente curta. Mr. Peardew perguntara-lhe como gostava do chá e servira-o. Ambas as partes fizeram muito poucas perguntas adicionais antes de ele lhe oferecer o emprego e de Laura o ter aceitado. Fora o presente perfeito e o início da esperança para ela.

O apito da chaleira interrompeu-lhe as reminiscências. Pegou no chá, num pano do pó e em abrillantador para os móveis e levou tudo para o jardim de inverno. Em casa odiava fazer limpezas, em especial por ter partilhado o seu lar com Vince, mas ali era um ato de amor. Quando chegara, a casa e os objetos encontravam-se levemente negligenciados. Não estavam sujos nem desleixados, mostravam apenas falta de cuidados. Muitos quartos não eram usados. Anthony passava a maior parte do tempo no jardim de inverno ou no escritório e nunca recebia hóspedes que ficassem nos quartos vagos. Suavemente, com doçura, divisão a divisão, Laura dera nova vida à casa com o seu amor. Com exceção do escritório. Nunca lá entrara. Anthony dissera-lhe no início que ninguém entrava ali a não ser ele e que, quando não estava lá, ficava trancado. Laura nunca levantara qualquer questão, mas todas as outras divisões eram mantidas limpas, luminosas e prontas a serem desfrutadas, mesmo que nunca chegasse ninguém.

No jardim de inverno, Laura pegou na fotografia com moldura de prata e puxou o lustro ao vidro e à prata até brilharem. Anthony dissera-lhe que o nome da mulher era Therese, e ela sabia que ele a devia ter amado muito porque a fotografia dela era



uma de apenas três que se viam na casa. As outras eram reproduções de uma foto de Anthony e Therese juntos, uma das quais ele colocara numa pequena mesa junto à cama, e a outra no toucador do quarto grande, na parte de trás da casa. Desde que o conhecia, nunca o vira tão feliz como naquela fotografia.

Quando Laura deixou Vince, a última coisa que fizera fora atirar para o lixo a grande fotografia emoldurada do casamento de ambos. Antes, no entanto, pisou-a com o salto do sapato, triturando o vidro estilhaçado sobre o rosto falso e sorridente. Selina, da Manutenção, podia ficar com ele à vontade. Vince era um autêntico cretino. Fora a primeira vez que o admitira, mesmo para si própria, mas não se sentiu melhor por isso. Ficara apenas triste por ter desperdiçado tantos anos com ele. Com os estudos por terminar, sem verdadeira experiência de trabalho e sem outro meio de sustento, a escolha fora limitada.

Depois de terminar no jardim de inverno, Laura passou ao vestíbulo e foi pelas escadas acima, criando um brilho dourado no corrimão de madeira curvo com o pano do pó enquanto subia. Muitas vezes se interrogara sobre o escritório, claro que sim, mas respeitava a privacidade de Anthony, tal como ele respeitava a dela.

No primeiro andar, o quarto mais amplo era também o mais bonito, com uma grande janela de sacada que dava para o jardim das traseiras. Era o quarto que Anthony partilhara em tempos com Therese, embora agora dormisse no quarto mais pequeno, contíguo àquele. Laura abriu a janela para deixar entrar um pouco de ar. Lá em baixo, no jardim, as rosas estavam todas abertas; folhos de pétalas vermelhas, cor-de-rosa e cor de nata ondulavam, e os canteiros em redor espumavam com peónias trémulas, realçadas por hastes de esporas cor de safira. O aroma das rosas subia a flutuar no ar morno, e Laura inspirou fundo, inalando o perfume estonteante. Aquele quarto, porém, cheirava sempre a rosas. Mesmo no pino do inverno, quando o jardim gelava, adormecido, e as janelas ficavam vedadas pela geada. Laura endireitou e afagou a colcha, já de si perfeita, e afofou as almofadas da otomana. O conjunto de vidro verde do toucador cintilava à luz do sol, mas, mesmo assim, limpou-lhe o pó com carinho. Todavia, nem tudo naquele quarto

era perfeito. O pequeno relógio de esmalte azul parara outra vez. Marcava 11h55 sem um tiquetaque. Parava todos os dias à mesma hora. Laura olhou para o seu relógio e ajustou-lhe os ponteiros. Girou com cuidado a pequena chave até o bater suave se ouvir de novo e voltou a pousar o relógio no seu lugar, no toucador.

O som da porta da frente a fechar-se assinalou o regresso de Anthony do seu passeio. Seguiu-se o destrancar da porta do escritório, que se abriu e logo se fechou. Era uma sequência de sons que Laura conhecia bem. Na cozinha, fez um bule de café que pousou num tabuleiro com uma chávena e um pires, um jarro de prata com natas e um prato de bolachas digestivas. Levou-o até ao vestíbulo e bateu ao de leve na porta do escritório; quando esta se abriu, entregou o tabuleiro a Anthony. Ele parecia cansado, enfraquecido pelo passeio em vez de fortalecido.

— Obrigado, minha querida.

Ela reparou com tristeza que as mãos dele tremiam ligeiramente ao pegar no tabuleiro.

— Há alguma coisa em especial que deseje para o almoço? — perguntou com meiguice.

— Não, não, tenho a certeza de que o que a Laura decidir será delicioso.

A porta fechou-se. De novo na cozinha, Laura lavou a caneca suja que aparecera no lava-louça, ali deixada, sem dúvida, por Freddy, o jardineiro. Começara a trabalhar lá em casa havia cerca de dois anos, mas os seus caminhos raramente se cruzavam, o que para ela era um desapontamento, pois tinha a sensação de que talvez gostasse de o conhecer melhor. Era alto e moreno, mas não tão bonito que pudesse ser considerado um cliché. Tinha uma leve cicatriz que corria na vertical entre o nariz e o lábio superior, e franzia um pouco a boca para um dos lados, mas o efeito acabava por ser positivo, transmitindo ao sorriso um charme assimétrico especial. Mostrava-se simpático quando se viam, mas apenas por uma questão de educação, dando a Laura pouco estímulo para fomentar a sua amizade.

Laura começou a trabalhar na pilha de papelada. Levava as cartas para casa e escrevia-as no portátil. Quando começara a trabalhar para Anthony, costumava fazer a revisão dos seus manuscritos

e passava-os a limpo numa velha máquina de escrever elétrica, mas como ele já deixara de escrever havia uns anos, ela sentia falta disso. Quando era mais nova, pensara numa carreira como escritora, de romances ou talvez jornalismo. Fizera inúmeros planos. Era inteligente e ganhara uma bolsa para o colégio feminino local, seguida de um lugar na universidade. Podia — ou melhor, devia — ter feito mais pela vida, mas depois conhecera Vince. Aos dezassete anos, ainda era vulnerável, imatura, insegura quanto ao seu próprio valor. Foi feliz na escola, mas a bolsa significava que se sentia sempre levemente deslocada. O pai, operário, e a mãe, vendedora de balcão, tinham tanto orgulho na sua filha tão esperta! Arranjaram dinheiro — com muitas poupanças — para comprar todas as peças do caríssimo uniforme escolar. Nunca tinham ouvido falar de coisas tão desnecessárias como calçado para dentro da escola e para o exterior. Tudo tinha de ser novo, nada em segunda mão para a sua menina, e ela estava-lhes grata, mesmo a sério. Sabia muito bem que sacrifícios os pais tinham feito, mas não foram suficientes. Ser inteligente e ter uma apresentação impecável nunca chegou para se integrar harmoniosamente na sociedade de elite das alunas do colégio. Raparigas para quem férias no estrangeiro, idas ao teatro, festas e fins de semana a velejar eram o habitual. É claro que fez amigas, raparigas simpáticas e generosas. Aceitou os convites para ficar em casas imponentes de pais simpáticos e generosos. Casas imponentes onde o chá era servido em bules, as tostas em porta-tostas, a manteiga num prato, o leite num jarro e se usava uma colher de prata para a compota. Casas com nomes em vez de números, que tinham terraços, campos de ténis e arbustos esculpidos nos jardins. E panos de tabuleiro. Conheceu uma vida diferente e ficou encantada. As suas esperanças cresceram. Em casa, o leite numa garrafa, a margarina numa bisnaga, o açúcar num saquinho e o chá numa caneca eram como pedras nos seus bolsos que a faziam afundar-se. Aos dezassete anos, caíra num espaço entre os dois mundos e já não lhe restava nenhum sítio a que realmente pertencesse. E depois conhecera Vince.

Era mais velho; bonito, convencido e ambicioso. Ela sentiu-se lisonjeada com as suas atenções e impressionada com a sua

segurança. Vince tinha razão em relação a tudo. Arranjara até uma alcunha para si próprio: Vince, *o Invencível*. Era vendedor de automóveis e conduzia um *Jaguar-E* vermelho. Um cliché sobre rodas. Os pais de Laura ficaram silenciosamente desesperados. Tinham albergado a esperança de que a educação fosse a chave para uma vida melhor para ela, melhor que a deles. Uma vida com mais experiências e menos luta. Talvez não percebessem nada de panos de tabuleiro, mas sabiam que o tipo de vida que desejavam para Laura significava mais que dinheiro. Para ela, o dinheiro nunca tivera importância. Para Vince, *o Invencível*, tudo fora sempre e apenas uma questão de dinheiro e de estatuto. O pai de Laura depressa arranjou uma alcunha privada para Vince Darby: VD<sup>3</sup>.

Mais tarde, após anos de infelicidade, Laura interrogou-se muitas vezes sobre o que Vince vira nela. Era bonita, mas não era uma rapariga linda, e não tinha certamente a combinação de dentes, mamas e rabo de que ele costumava gostar. O tipo de raparigas com quem Vince costumava sair despia as calcinhas com tanta naturalidade como falava mal inglês. Talvez ele a tivesse considerado um desafio. Ou uma novidade. Fosse o que fosse, chegou para que ele pensasse que ela seria uma boa esposa. Laura acabou por suspeitar que a proposta de casamento foi encorajada tanto pelo seu desejo de estatuto social como pelo desejo físico. Vince tinha bastante dinheiro, mas só isso não era suficiente para ser admitido na Maçonaria ou ser eleito presidente do clube de golfe. Com as belas maneiras de Laura e a sua educação numa escola privada, esperava que ela trouxesse um brilho de sofisticação social ao dinheiro dele.

Viria a ficar amargamente desapontado, mas não tanto como Laura.

Quando descobriu a infidelidade dele, fora fácil culpá-lo de tudo, pintá-lo como um grosseirão saído de um romance de Jane Austen, com Laura como a heroína virtuosa, deixada em casa a tricotar capas para os rolos de papel higiénico ou a coser fitas na touca. Todavia, lá bem no fundo, Laura sabia que, na verdade, isso não passava de ficção. Desesperada por fugir de uma realidade

---

<sup>3</sup> Sigla de *Venereal Disease* (em português doença venérea). (NT)

desagradável, pedira ao médico que lhe receitasse antidepressivos, mas ele insistira que consultasse primeiro um psicólogo. Para Laura, era um meio para atingir um fim. Para conseguir a receita, contava dar-lhe a volta, pois seria certamente uma mulher tímida de meia-idade, uma Pamela vestida de poliéster<sup>4</sup>. Contudo, calhou-lhe uma loura insolente e bem vestida, de nome Rudi, que a obrigou a enfrentar alguns factos bastante desagradáveis. Disse-lhe que escutasse a voz no interior da sua cabeça, a que apontava as verdades inconvenientes e criava discussões incómodas. Rudi chamava a isso «envolver-se com a sua linguística interna» e disse que seria «uma experiência muito gratificante». Laura chamou-lhe conviver com a Fada da Verdade<sup>5</sup> e achou que era tão agradável como ouvir o seu disco favorito com um risco. A Fada da Verdade era altamente suspeita. Acusou Laura de ceder sob o peso das expectativas dos pais e de casar com Vince em parte para evitar ir para a universidade. Na opinião dela, Laura tinha medo de ir não fosse falhar, receava andar pelo próprio pé não fosse estatelar-se no chão. Também recordou a infeliz experiência do aborto espontâneo que sofrera e o desejo subsequente, quase obsessivo, de um bebé, que acabara por se revelar infrutífero. Na realidade, a Fada da Verdade incomodou Laura, mas quando conseguiu o seu *Prozac* já deixara de a escutar.

O relógio do vestíbulo bateu a uma, e Laura começou a reunir os ingredientes para o almoço. Bateu ovos com queijo, acrescentando ervas frescas do jardim, verteu a mistura numa frigideira quente no fogão e ficou a vê-la espumar e borbulhar, acabando por formar uma omeleta fofa e dourada. Arranjou o tabuleiro com um guardanapo de linho branco bem engomado, uma faca e um garfo de prata e um copo de tónico de flor de sabugueiro. À porta do escritório, trocou-o pelos restos do café da manhã. Ele não tocara nas bolachas.

---

<sup>4</sup> Referência à canção dos Beatles *Polythene Pam*, do álbum *Abbey Road*. (NT)

<sup>5</sup> Truth Fairy, fada que, em oposição à fada dos dentes (Tooth Fairy), se vangloria de contar sempre a verdade às crianças, por mais desagradável que seja. (NT)